

Produção de material didático e o incentivo à autoria docente: uma experiência no ensino de francês através do Idiomas sem Fronteiras na UFBA /

Production de matériel didactique et encouragement à l'autorat des enseignants : une expérience dans l'enseignement du français à travers le programme Idiomas sem Fronteiras

*Alice Áurea de Oliveira Amorim**

Graduanda em Letras Modernas na Universidade Federal da Bahia, campus de Ondina em Salvador. Bacharel Interdisciplinar em Humanidades pela mesma universidade. Atua no ensino dos idiomas francês e inglês e é integrante do grupo de pesquisa Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE-DGP/CNPQ).

 <https://orcid.org/0000-0003-3498-4856>

*Cíntia Voos Kaspary***

Obtenção do título de Doutora em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2021. Atualmente, Professora Adjunta de Língua e Ensino de Língua Francesa na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Líder do Grupo de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na contemporaneidade (GPELE-DGP/CNPQ).

 <https://orcid.org/0000-0002-4653-6498>

Recebido em 21 de setembro de 2024. Aprovado em 23 de novembro de 2024.

Como citar este artigo:

AMORIM, Alice Áurea O; KASPARY, Cíntia V. Produção de material didático e o incentivo à autoria docente: uma experiência no ensino de francês através do Idiomas sem Fronteiras na UFBA. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 5, e3527, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14562993>

RESUMO

O ensino-aprendizagem de francês em cursos com objetivos específicos oferece a oportunidade de produzir materiais didáticos característicos para os propósitos visados. No entanto, é comum que o francês apresentado seja o "standard", variedade que reflete a cultura e a língua na França. Contudo, ao ensinar esse idioma, apontado como a quinta língua mais falada no mundo, é necessário reconhecer as suas variedades, especialmente quando o objetivo é a internacionalização, e levá-las para a sala de aula. Dessa maneira, o objetivo deste artigo é relatar a experiência de uma

* aurea98amorimfr@gmail.com

** cintivoos@gmail.com

professora em formação com a elaboração da apostila "L'alphabet de la francophonie", um recurso multimídia que inclui músicas, livros e imagens de diversos países francófonos, elaborado com base em demandas dos alunos a respeito da diversidade do mundo francófono em termos linguísticos e culturais. O foco recai sobre a autoria docente, um componente essencial da formação dos professores de idiomas, como caminho para promover a interculturalidade, a compreensão da diversidade que faz parte da língua francesa ao redor do mundo e o engajamento dos estudantes. Tal proposta é fundamental para fomentar o desenvolvimento de habilidades linguísticas e interculturais baseadas no respeito mútuo e na compreensão, como também para expandir as possibilidades de internacionalização do ensino superior brasileiro. Além disso, ela também incentiva a autoria docente como parte da formação para o ensino-aprendizagem. Os resultados mostraram um impacto positivo no aumento do conhecimento cultural desses estudantes, embora tenham sido identificadas necessidades de melhorias na representação de gênero e na diversificação dos formatos de mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização; Francofonia; Produção de material didático; Formação docente; Autoria docente.

ABSTRACT

The teaching of French for Specific Purposes (FSP) offers a unique opportunity for designing teaching materials that address the specifics of each learning context. However, it is common to find the variety used in it to be the so-called "standard", a variety based entirely on French people's culture and ways of speaking. Nonetheless, French is the fifth most spoken language in the world, which entails a range of different ways of speaking. It is, then, essential for teachers not only to recognize that diversity, but also bring it to the classroom, especially when teaching for internationalization. In that way, this article aimed at reporting the experience of a teacher in training who designed the material titled "L'alphabet de la francophonie", a multimedia resource made of songs, books, and images of francophone countries. The students' needs in regards to linguistic and cultural diversity in the francophone world motivated the material's development. The analysis in this article focuses on teacher authorship, deemed as an essential part of training, as a way of promoting interculturality, the understanding of the French-speaking world's diversity, and student engagement. Such a project is crucial in order to foster the development of language and intercultural skills strongly based on mutual respect and on comprehension, and also to increase the chances of internationalizing Brazilian higher education. Besides, it also favors teacher authorship as an important part of teaching and learning. The results point to a positive impact on students' cultural knowledge, even though improvements are still to be made, especially in terms of gender representation and diversity of media support.

KEYWORDS: Internationalization of higher education; Francophonie; Production of instructional materials; Teacher education; Teacher authorship.

1 Introdução

Ao se discutir o ensino-aprendizagem da língua francesa, é comum encontrar ideias limitadas sobre a presença desse idioma no mundo e sobre quem são seus falantes. Em salas de aula de cursos regulares de francês, assim como nos materiais didáticos utilizados nesses cursos, abundam imagens da França e dos franceses como representantes quase unânimes da língua e cultura francesas. No entanto, de acordo com o Relatório da Língua Francesa no Mundo (OIF, 2022), o francês ocupa o quinto lugar entre os idiomas mais falados globalmente, com a maior parte de seus falantes localizada no continente africano (47,4%), especialmente na África subsaariana (OIF, 2022, p. 07). Apesar da

estreita relação do idioma com a França metropolitana, é evidente que o francês desempenha um papel crucial em culturas além dos limites europeus, particularmente na África.

O relatório também revela o crescente interesse pelo aprendizado da língua francesa, que ocupa a segunda posição entre os idiomas mais estudados, com mais de 50 milhões de aprendizes (OIF, 2022). Esse interesse não é surpreendente, considerando a mobilização de países como a França e o Canadá na criação de políticas linguísticas para a proteção e promoção da língua francesa. Esses esforços incluem a criação de organizações e instrumentos destinados a tornar o aprendizado da língua mais atrativo. Exemplos incluem a Agência Universitária da Francofonia (AUF), que promove a cooperação entre universidades francesas e instituições de ensino superior e pesquisa em todo o mundo; a *TV5Monde*, uma rede de televisão francesa e portal multimídia gratuito e interativo para aprender e ensinar francês; a Biblioteca das Américas, criada pelo Centro da Francofonia das Américas, que oferece livros digitais em francês de autores do continente americano; e o Dicionário dos Francófonos (DDF), uma obra lexicográfica que descreve os usos do francês na Francofonia, entre outros.

No entanto, um ponto comum entre muitos desses materiais, como reconhecido no relatório da OIF (2022), é a preferência pelo francês padrão ou *standard*, uma variante intimamente associada à França metropolitana, aos seus falantes e à sua cultura. Embora o relatório reconheça a existência de diversas formas de falar francês ao redor do mundo, há uma resistência em incluir essas variedades e integrá-las ao contexto de ensino, o que pode ser observado até mesmo entre os professores. Essa questão também é evidente na predominância de materiais de ensino desenvolvidos pelas tradicionais editoras francesas, que reforçam a representatividade predominante dos aspectos culturais da França, em detrimento das regiões com significativa presença francófona. No caso dos livros didáticos, são raros aqueles que não provêm desse contexto predominante, como é o caso do livro didático *Par Ici*, destinado aos aprendizes interessados em aprender o francês falado no Québec (Desjardins, 2017, p. 05).

Desconsiderar as variedades da língua francesa e os locais onde são faladas significa perder as oportunidades que esses países e os francófonos que neles se encontram podem oferecer em termos de cultura, conhecimento, internacionalização e muito mais. Significa igualmente

desconsiderar a forma como o idioma foi inserido nessas sociedades e, por conseguinte, o passado colonial da França metropolitana. Esse tipo de ação não pode ser mantida quando parte do objetivo do ensino e da aprendizagem é pautada sobre a formação de cidadãos capazes de reflexão crítica, um ensino que fuja do meramente instrumental e propicie aos aprendizes a capacidade de se encontrar na língua e culturas estrangeiras.

Nesse contexto, cabe ainda mencionar que a língua é indissociável da cultura de uma população: através dela são construídos os sentidos e as maneiras de apreender o mundo que estão gravadas nas estruturas sintáticas, no léxico e nas expressões de uso cotidiano. De acordo com Santos (2004), a língua não é apenas um instrumento de comunicação; ela é, também, uma forma de construir o mundo e as relações entre os elementos que o compõem. Assim, nenhuma variedade linguística pode ser considerada neutra: todas veiculam aspectos culturais, sociais e políticos de uma comunidade, de um grupo.

Dessa maneira, quando se afirma ensinar uma variedade *padrão*, por vezes anunciada como neutra, o que se faz, na verdade, é ensinar a variante ligada à cultura entendida como dominante. Portanto, a escolha por privilegiar o francês *standard* sobre outras variedades do francês nas salas de aula, e mesmo a reticência dos professores sobre ensiná-las, como mencionado no relatório, impedem que os estudantes conheçam e se aprofundem na diversidade cultural dos países francófonos.

Ao levar em consideração a relevância dos países africanos francófonos para o futuro da língua francesa, a existência de variedades do idioma e os esforços que estão sendo dedicados à difusão e à manutenção da atratividade do francês, identifica-se uma lacuna importante na representação desses países, de suas culturas e de suas formas de falar nos materiais didáticos dos cursos ditos gerais e daqueles com propósitos específicos e/ou universitários.

Assim, torna-se imperativo incluir o escopo da francofonia na sala de aula de francês como língua estrangeira (FLE) e de ressaltar o seu status como organização política e linguística que inclui numerosos países fora da Europa e do Norte Global. Para tal, faz-se necessário que os professores, especialmente aqueles que estão em formação, busquem maneiras de favorecer a descoberta desses países e de suas culturas pelos seus estudantes, assim como de promover a busca ativa de semelhanças, a fim de construir pontes interculturais que permitam o estabelecimento do diálogo entre

representantes de culturas distintas. Ao adotar essa perspectiva, parte-se do princípio de que a internacionalização não depende somente da competência comunicativa em língua estrangeira; ela também é composta da compreensão e do respeito à cultura do outro e à sua própria.

Com esses aspectos em mente, o presente artigo tem como objetivo socializar e analisar uma proposta de material didático elaborado para duas turmas de nível A1, conforme o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR, 2001), dentro de um curso de francês com foco na internacionalização em um programa nacional de ensino de idiomas. De modo a atingir essa meta, o artigo se divide em três partes: na primeira, o contexto de oferta dos cursos, o conceito de internacionalização e o programa responsável são apresentados e discutidos a fim de estabelecer as especificidades do contexto de produção do material didático. Em seguida, na segunda seção, discute-se a produção de materiais didáticos como parte da formação docente e os seus potenciais benefícios para a preparação profissional qualificada e para a manutenção dos cursos com objetivos específicos. Na terceira seção, apresenta-se o contexto de criação do material, sua metodologia de base e considerações a partir do produto e de seu uso em sala de aula. Por fim, em guisa de conclusão, são feitas reflexões sobre a iniciativa de preenchimento da lacuna identificada, além de se apontar caminhos a percorrer futuramente em termos de produção de material didáticos para cursos sob objetivos específicos.

2 Internacionalização universitária: não é preciso sair de casa para conhecer o mundo francófono

A internacionalização do ensino superior no Brasil é um fenômeno relativamente recente, com ações mais significativas começando a partir dos anos 2000. Um marco importante nesse processo foi a criação do programa Ciência sem Fronteiras (CsF) pelo governo federal, resultado de um esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e da Educação (MEC). Durante seus cinco anos de duração, o programa buscou a promoção e a consolidação da internacionalização da ciência e da tecnologia brasileiras, através de intercâmbios e mobilidade internacional para alunos de graduação e pós-graduação em instituições de ensino superior em todo o país. Além disso, o CsF atraiu pesquisadores estrangeiros para o Brasil, que colaboraram com pesquisadores brasileiros em áreas prioritárias definidas pelo programa, fortalecendo parcerias e trocas de conhecimento.

Embora o CsF tenha oferecido incontáveis benefícios no contexto da internacionalização, sua implementação evidenciou ainda mais o problema do crescente sucateamento do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. Estudos como o de Leffa (1999) mostram que a redução da carga horária para o ensino de línguas nos anos 1990 contribuiu para uma proficiência linguística extremamente limitada entre os concluintes do ensino médio. Além disso, Paiva (2003) destaca que as políticas sociais têm falhado em garantir um ensino de qualidade nas escolas, agravando o cenário. Desta forma, o aprendizado assume um caráter elitista, porque as classes mais privilegiadas buscam alternativas de aprendizado em cursos livres e professores particulares, atestando as dificuldades do ensino escolar público. Um exemplo recente desse descaso é a exclusão da obrigatoriedade do ensino de espanhol nas escolas de ensino básico e médio, estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Como forma de remediar a falta de proficiência dos estudantes no processo de internacionalização, em dezembro de 2012, foi criado o programa Inglês sem Fronteiras, que promoveu a distribuição de 100 mil bolsas para estudantes universitários que quisessem estudar inglês por meio da plataforma de ensino *My English Online*. Sua criação visou promover o aprendizado de inglês, para capacitar estudantes de graduação e pós-graduação de instituições públicas e privadas para atingirem a proficiência necessária em exames linguísticos para ingressar em universidades anglófonas. Vendo que somente a língua inglesa não era o suficiente para sanar os problemas de proficiência linguística, no mesmo ano, foi lançado o programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), elaborado no intuito de facilitar o acesso de estudantes aos programas de mobilidade estudantil. Primeiramente, foram oferecidos cursos presenciais nas instituições de ensino cadastradas e posteriormente, começou a ser desenvolvida uma rede de ofertas coletivas e locais.

No âmbito do Francês, o IsF-Francês tem como objetivo a integração do estudante brasileiro em meio universitário de países de língua francesa. A formação do Programa está relacionada a aspectos linguísticos e também, de forma mais específica, a questões interculturais na medida em que sua adaptação ao novo contexto supõe o conhecimento de características do sistema de ensino superior no qual será inserido. A oferta piloto, desenvolvida no final de 2016, teve como objetivo praticar o modelo de Formação para Objetivos Universitários (FOU) e também verificar a demanda

existente nas instituições parceiras para o idioma francês. Atualmente, a medida conta com a participação de diversas universidades distribuídas em todo o Brasil.

Na UFBA, a disponibilização da língua francesa por meio do IsF teve início em 2023, com a participação da instituição na oferta coletiva com a proposta de cursos de francês básico e em cursos preparatórios para o Diploma de Estudos em Língua Francesa (DELF), um certificado oficial do Ministério Francês da Educação Nacional que atesta as competências em francês de candidatos estrangeiros. Essas experiências foram concebidas como um espaço de dupla aprendizagem e benefícios. Enquanto os estudantes inscritos nos cursos oferecidos pelo IsF tinham a oportunidade de aprender ou aprimorar seus conhecimentos da língua francesa, esse ambiente também serviu como um espaço de aprendizagem para os professores em formação. Nesse contexto, os futuros docentes puderam desenvolver suas competências e habilidades de ensino, com foco no fortalecimento de sua criatividade e autonomia.

3 Produção de material didático: discussão sobre autoria e formação de professores

O ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é guiado pelas perspectivas e abordagens teóricas adotadas pelos docentes. Os princípios considerados fundamentais sustentam a condução da prática pedagógica, assim como outros aspectos envolvidos nas interações em sala de aula. Dessa maneira, é imprescindível destacar os elementos que são considerados centrais no ensino-aprendizagem de francês neste artigo.

O Quadro Europeu Comum de Referência (QEQR), elaborado pelo Conselho da Europa (2001), estabelece diretrizes para o ensino das línguas europeias, dentre elas o francês. Três dos princípios promovidos pelo QEQR são fundamentais para a compreensão de como se dá o ensino de francês: o enfoque intercultural, que reconhece a diversidade dos falantes de francês e promove a compreensão e construção de pontes a partir do respeito às culturas diferentes da sua própria; o aprendizado reflexivo, que exige dos estudantes o desenvolvimento de habilidades como autoavaliação sobre os próprios comportamentos em vista do aprendizado e construção de

habilidades; e a diversidade de recursos e materiais, que visa garantir o contato dos aprendizes com recursos autênticos em situações reais de comunicação.

Unidos, esses princípios, aliados a outros também promovidos pelo QEER (2001), orientam as atividades desempenhadas no IsF-Francês da UFBA. Assim, o primeiro encontro entre uma turma e a professora em formação que vai conduzir o ensino de língua francesa deve ser reservado tanto para que as bases de uma comunidade de aprendizado sejam estabelecidas, quanto para definição dos princípios de ensino e aprendizado operantes. Isso implica conhecer as pessoas presentes, além de avaliar o quanto aquele grupo já sabe sobre o idioma alvo e as culturas das quais ele participa. Esse tipo de avaliação tem um papel crucial no planejamento de aulas que atendam aos objetivos dos estudantes, assim como representam um momento de confiança que facilita o trabalho em grupo nos encontros seguintes.

Dessa forma, uma das primeiras atividades realizadas com os estudantes das duas turmas da oferta local da UFBA foi o quiz *Bienvenue dans la francophonie*. Ele conta com nove perguntas de conhecimento geral sobre diferentes aspectos de países que falam a língua francesa, como geografia, história e arte. Hospedado na plataforma *Wordwall*, esse quiz permite que os estudantes testem o seu conhecimento e troquem ideias e hipóteses entre si para escolher a opção correta para cada questionamento.

A partir desse jogo, os aprendizes puderam perceber que o mundo francófono é maior do que só a França e o Québec, ao mesmo tempo em que se davam conta das lacunas em seu conhecimento de mundo sobre cultura, arte e história de países falantes de língua francesa. O que se seguiu foram comentários sobre a experiência com o jogo e pedidos para que a professora em formação trouxesse indicações de produções no idioma que os aproximasse da diversidade representada pelo quiz e pela língua alvo.

Os pedidos feitos na primeira semana de aulas deram origem a um produto feito em momento oportuno: *l'alphabet de la francophonie* (AF), ou abecedário da francofonia. O desenvolvimento deste material surgiu da convergência entre a demanda apresentada pelos estudantes em sala de aula e pelas diretrizes da ementa do curso, já que um dos tópicos seguintes a serem discutidos era o alfabeto e os sons da língua.

A concepção do AF destaca uma das principais ações do IsF na formação de professores para a internacionalização: a produção de material didático (Abreu-e-Lima, Almeida e Moraes Filho, 2021). Esse componente ganha um papel protagonista na formação para a internacionalização, já que favorece a autenticidade e autoria ao mesmo tempo em que promove a interculturalidade de forma ativa – essencial para garantir que relações de cooperação baseadas no respeito mútuo sejam estabelecidas. De acordo com esses autores:

Ter proficiência em um idioma não necessariamente implica estar preparado para se tornar internacional; afinal, saber lidar com questões e diferenças culturais, permitindo uma melhor compreensão entre os parceiros, em uma atitude ética e de respeito à cultura do outro e à sua própria, é fundamental (Abreu-e-Lima, Almeida e Moraes Filho, 2021, p. 20).

Com essas considerações em mente, destacam-se três aspectos positivos que o incentivo à autoria docente acarreta. O primeiro deles é o estímulo à inovação e à criatividade, traços essenciais para professores contemporâneos que se veem cotidianamente desafiados a incorporar as tecnologias digitais em seu trabalho pedagógico de maneira significativa e não-tecnicista (Bonilla; Souza, 2015).

O segundo diz respeito ao fortalecimento da identidade professoral, do seu papel decisivo no contexto educativo e da importância de enxergar o processo de formação como algo contínuo, promovido pela ação de refletir sobre seu próprio contexto e o de seus aprendizes para, então, desenvolver algo adaptado às necessidades observadas em sala de aula (Orefice Junior, 2022).

O terceiro, por fim, destaca o papel que responde às especificidades da educação atual, onde professores são responsáveis por desenhar o processo de aprendizagem e guiar os estudantes por esse caminho (Volpi, 2008), representando assim um elo entre o mundo francófono a ser descoberto e o mundo do qual os aprendizes fazem parte.

Acerca da criatividade e inovação, estudos como o de Orefice Junior (2022) mostram como o FOS fornece o espaço necessário para que o professor se entenda como autor e alinhe suas ações de ensino às demandas apresentadas pelo seu público de modo a alcançar os objetivos estabelecidos para o curto prazo. Nesse contexto, a valorização de sua experiência com o idioma e de sua capacidade criativa representam uma ocasião oportuna para propiciar aos estudantes o contato com

perspectivas e produções que não apareceriam em sua jornada de aprendizagem a partir de um material didático generalista ou mesmo específico, mas focado no francês *standard*. O espaço digital potencializa essa empreitada ao possibilitar o acesso e ao viabilizar a interação individual e coletiva com os materiais selecionados, o que pode atribuir um sentido empoderador para professores e estudantes.

Ainda pautada sobre o estudo conduzido por Orefice Junior (2022), em que o autor se dedica a identificar as ações de ensino a serem adotadas por professores que visam produzir material didático, é possível indicar que a adoção dessa postura contribui não somente para “fortalecer a sua identidade e o seu protagonismo enquanto profissional da educação” (Orefice Junior, 2022, p. 61), como também para fomentar a continuidade do seu processo de formação, entendido como circular e reflexivo (Leffa, 2008). Partindo desses princípios, não é um exagero afirmar que essa abordagem está ligada à satisfação e à confiança no desempenho de seu próprio trabalho, já que se baseia em um processo de múltiplas etapas que se retroalimentam a fim de gerar uma experiência de aprendizado que seja significativa para os estudantes e que responda às necessidades apresentadas por eles.

Por fim, o incentivo à autoria professoral também responde às demandas mais atuais da educação na era das tecnologias digitais e da globalização. Ao desenvolver um material que apresente aos estudantes formas diferentes de falar e viver a língua francesa, a professora assume seu papel como mediadora da aprendizagem, ou seja, se coloca como um ponto de conexão e encruzilhada entre os estudantes que estão dando seus primeiros passos no aprendizado do francês e o mundo de possibilidades que esse idioma engloba. Através da criação autoral, ela pode propor percursos de contato com a língua-alvo que apresentem aos estudantes a possibilidade de encontrar semelhanças culturais e sociais com diferentes comunidades francófonas, além de incluir produções autênticas em suas vidas, aproximando, assim, o aprendiz da francofonia.

Nota-se, ainda, outro aspecto positivo derivado da experiência de desenvolvimento de um material didático: o valor agregado à comunidade educacional. Uma comunidade de professores em formação e docentes especialistas, como é o caso do IsF atualmente, preconiza o compartilhamento dos materiais desenvolvidos e utilizados nos cursos ofertados. Além disso, o programa também se

articula para promover encontros nacionais que favoreçam e fomentem o diálogo e a reflexão sobre práticas de ensino e de formação para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no contexto da internacionalização. Dessa maneira, o compartilhamento desse tipo de iniciativa tem o potencial de incentivar outros profissionais a adotarem posturas similares a partir da reflexão e trocas de ideias, da observação e comparação de contextos locais e da identificação de lacunas a serem preenchidas.

Ainda que se reconheça os desafios envolvidos na produção de materiais didáticos, como alguns dos apontados por Oliveira e Paiva (2014), é importante ressaltar que essa atividade integra a formação de professores no âmbito do IsF. Portanto, ela implica o acompanhamento e orientação por uma docente formadora de professores de línguas estrangeiras, cuja experiência com o ensino do idioma e com a preparação de licenciandos favorece a busca por soluções para os problemas que permeiam o caminho daqueles que produzem material didático.

Considerando os pontos destacados acima, na seção a seguir será exposta e analisada a proposta de material didático, desenvolvida para apresentar a francofonia e algumas das variedades da língua francesa para duas turmas de nível iniciante no contexto de oferta local do IsF - Francês. Serão abordados o público-alvo e o contexto em que a proposta foi implementada, a metodologia de criação do material didático, bem como as considerações sobre seu uso, com reflexões acerca dos desafios e potenciais desta abordagem para o ensino de francês como língua estrangeira.

4 *L'alphabet de la francophonie*: contexto de criação e considerações sobre o uso do material didático em sala de aula

A concepção de *l'alphabet de la francophonie* (AF) representou o ponto de partida, mas não o ponto de chegada. Nesta seção, serão discutidos o uso em sala de aula, a recepção e os comentários dos estudantes somados à reflexão e análise posterior feita pela professora em formação-autora. O objetivo é destacar os aspectos bem-sucedidos e aqueles que ainda precisam ser revisados, com vistas ao desenvolvimento de uma versão futura, mais aprimorada e completa.

4.1 O público-alvo e o contexto

O curso "Comunicação Oral A1: Interações Cotidianas" foi ministrado com o objetivo de desenvolver competências de comunicação oral em francês, direcionadas a situações práticas e familiares do cotidiano, de acordo com o nível A1 do QECR. Durante as aulas, os participantes tiveram a oportunidade de aprender a se apresentar, descrever a própria rotina, falar sobre a cidade onde moram, fazer perguntas e responder sobre a família e fazer convites.

A metodologia priorizou a prática oral por meio de atividades interativas, incluindo simulações, jogos de papéis e exercícios de escuta, proporcionando uma experiência de aprendizado dinâmica e contextualizada. O curso contou com uma carga horária total de 32 horas, distribuídas em 2 encontros de 2 horas por semana ao longo de 8 semanas. As aulas foram oferecidas na modalidade online através da plataforma *ConferênciaWeb*.

O público-alvo incluiu iniciantes no estudo da língua francesa, especialmente aqueles sem conhecimento prévio ou com pouca exposição ao idioma. O curso atendeu estudantes universitários, docentes e servidores técnicos, distribuídos em duas turmas. Apesar de não ter sido feito um levantamento de dados específico, é possível afirmar que as turmas apresentavam como traços característicos a variedade na faixa etária, no nível e área de estudo na universidade, contando com graduandos, mestres e até doutorandos; e na origem geográfica dentro do estado da Bahia, com estudantes de cidades do interior marcando presença.

4.2 A metodologia de criação do material didático

A concepção de materiais didáticos é um processo complexo composto por etapas que passam pela idealização, produção, implementação e revisão. A criação do AF consistiu na busca aprofundada e na compilação de referências e produções artístico-midiáticas com as quais a professora em formação responsável por ministrar o curso teve contato ao longo da sua própria jornada de aprendizado da língua francesa. Algumas das produções incluídas, como as músicas, já faziam parte de seu cotidiano naquele momento com o objetivo de manter o contato com o idioma ensinado além da sala de aula e do ambiente educacional.

Nesse contexto, se faz essencial mencionar o papel da Internet e das interações entre aprendizes de diferentes partes do mundo: a primeira por possibilitar buscas abrangentes de maneira

prática e rápida; a segunda por permitir a troca de referências e de indicações segundo diferentes critérios, como gostos musicais e interesses temáticos, compartilhados por pessoas que estão em diferentes partes do mundo, mas que dividem objetivos similares, como a divulgação de produções posicionadas fora do circuito considerado *mainstream*.

Esses dois elementos foram de suma importância na seleção e compilação de canções, nomes de pessoas ilustres (escritores, filósofos, poetas e mais), obras literárias, festividades, tradições e informações para inclusão no abecedário. Para isso, foram elaborados e aplicados critérios que priorizam a diversidade de suportes das produções midiáticas e artísticas. Esse duplo cuidado deriva da compreensão de que as buscas podem gerar um volume alto de resultados relativamente redundantes e que qualquer grupo de pessoas é diverso quanto aos formatos preferidos para acessar, processar e interagir com novas informações. Assim, garantir a presença de diferentes conteúdos e múltiplos formatos não somente aumenta as chances de que cada estudante encontre algo que atenda às suas expectativas e preferências, mas também permite o contato prolongado com a língua francesa fora da sala de aula e desperta a curiosidade sobre as culturas francófonas.

Para que o processo de busca, seleção e inclusão contasse com essa variedade de conteúdo e de formato, alguns critérios foram utilizados pela professora em formação para garantir que o abecedário fosse formado em sua maior parte por elementos originários de países fora da Europa:

- ser uma produção cultural, artística e/ou midiática que coloque em evidência diferentes influências culturais e/ou nacionais ou regionais, não apenas francesas;
- apresentar um potencial de semelhança ou conexão com algum aspecto das culturas brasileira, baiana e soteropolitana;
- ser uma figura relevante para o cenário cultural ou para a história do país de origem no caso de escritores, poetas e políticos;
- contemplar pelo menos um de quatro formatos distintos: canção, livro (impresso ou digital), vídeo e imagem/fotografia.

É importante ressaltar que esses critérios não foram elaborados com o objetivo de gerar um juízo de valor hierárquico entre os marcadores nacionalidade/origem francesa e os demais. Eles foram

utilizados para garantir a diversidade geográfica e cultural das produções a serem apresentadas de maneira a facilitar para os estudantes a identificação de aspectos culturais próximos das culturas brasileira e baiana, além de apresentar países francófonos que têm relevância no cenário internacional da língua francesa, mas que passam despercebidos com certa frequência na sala de aulas de francês como língua estrangeira.

Dessa forma, seguindo as etapas de desenvolvimento do abecedário, na seção seguinte encontra-se a implementação da apostila e as considerações feitas a partir dessa experiência. Nela, também são identificadas as potencialidades do material, bem como pontos a serem revistos e repensados.

4.3 Considerações sobre a implementação de *L'alphabet de la francophonie*

O primeiro ponto positivo do AF se constitui pelo alcance do objetivo inicial: a apresentação de uma parte da diversidade cultural dos países francófonos a partir de diferentes referências midiáticas, artísticas e materiais. Essa diversidade se desdobra em duas categorias: a simbólica, que coloca em evidência a riqueza cultural de vários países francófonos localizados fora da Europa, e a de formatos, que permite aos estudantes o acesso aos conteúdos através de suportes variados, como músicas, livros e sites.

No que diz respeito à diversidade simbólica, o uso do AF em sala de aula incentiva que os estudantes busquem semelhanças entre as obras apresentadas e aquelas que fazem parte do cotidiano de cada um, seja em sua própria cidade ou estado, seja em seu próprio referencial sociocultural. Um exemplo concreto do êxito desse objetivo é a comparação inevitável que surgiu durante a apresentação da letra K em uma das turmas (Figura 1): a semelhança fisionômica entre o cantor e compositor congolês Koffi Olomidé e o cantor e percussionista Carlinhos Brown se fez notar e deu espaço para especulações sobre irmãos separados por um continente, mas unidos pela música. Esse tipo de observação e comparação viabiliza a criação de conexões entre o conteúdo apresentado e a língua alvo, o que gera a criação de memórias com raízes afetivas e interesse pelo contato contínuo com o francês e com as possibilidades semelhantes que ele representa.

Figura 1: Imagens representativas das letras J e K



Fonte: Material elaborado pela autora com base nas imagens disponíveis em: <http://https://www.kotonteej.com/jean-bikoko-aladin-king-of-assiko/> e <http://https://www.mpasho.co.ke/entertainment/2023-11-08-great-reason-koffi-olomide-really-wanted-to-perform-in-kenya-once-again>.

Observando o lado material, ainda, o AF oferece propostas distintas de interação com a informação e com o conteúdo mostrado. Um dos critérios de seleção visa assegurar a existência de produções disponíveis em suportes de fácil acesso e interação através de dispositivos móveis. Dessa maneira, os aprendizes podem formar laços afetivos com as culturas, formas e objetos que a língua francesa veicula a partir de uma gama de possibilidades oferecidas pela apostila: ouvir músicas em francês que integram influências e ritmos brasileiros; ler, em português, livros escritos por autores que vieram a Salvador em busca de inspiração para ambientar suas histórias; ver imagens de cidades e monumentos que poderiam ser confundidas com bairros e pontos de referência da Bahia; e entender a origem e o papel desempenhado pelos contadores de história, denominados griôs no português brasileiro, que se fazem presentes em diferentes partes do Brasil atualmente são algumas das escolhas que se apresentam aos aprendizes.

De modo a propiciar o uso da língua francesa para a escolha da produção midiático-artística e do suporte para manter o contato com o idioma fora da sala de aula, o que é responsabilidade dos estudantes, a descrição de algumas das propostas está redigida em francês, como pode ser visto na Figura 2. O objetivo é que durante o primeiro contato com o material, assim como posteriormente, o

estudante possa entender algumas das estruturas gramaticais e lexicais mais simples do idioma de modo a entender do que se trata cada elemento que exemplifica uma letra do alfabeto.

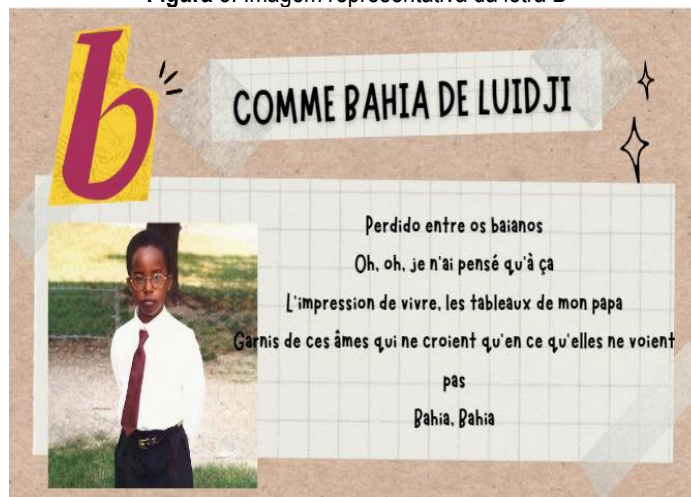
Figura 2: Imagem representativa da letra M



Fonte: Material elaborado pela autora com base na imagem disponível em: <http://https://music.apple.com/us/album/akwaba-collection-100-mapouka-vol-1/537393386>.

As frases que descrevem a produção sugerida foram projetadas de forma a contextualizar a língua de maneira significativa para aqueles que interagem com o conteúdo: o estudante tem um objetivo que vai além da língua, mas precisa dela para ter acesso à informação procurada, independente da produção escolhida. Nesse quesito, as músicas apresentam certo potencial: de interesse por serem diversificadas em termos de gênero musical; de integração na rotina por serem simples de acessar a baixo ou a nenhum custo; e de aprendizagem da língua estrangeira por combinarem melodia e letra para contar uma história com refrões frequentemente repetitivos e cativantes, como é o caso evidenciado pela Figura 3.

Figura 3: Imagem representativa da letra B

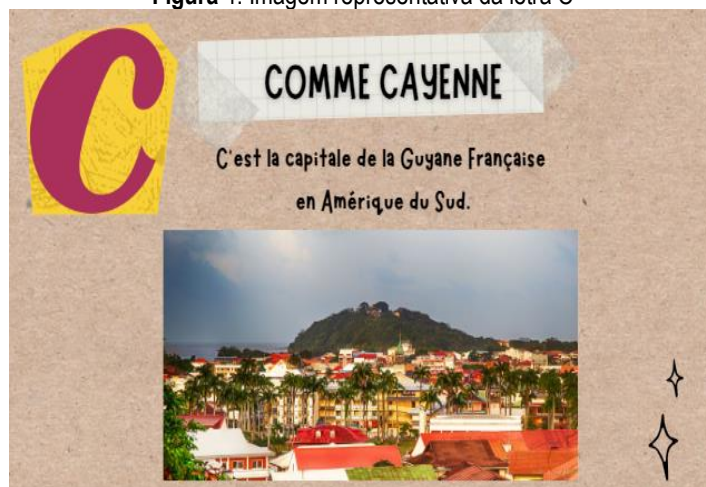


Fonte: Material elaborado pela autora com base na imagem disponível em: <http://https://open.spotify.com/intl-pt/album/0MdN6wfUWZtMFxV0ESjYuf>.

Outro aspecto que aponta para o sucesso do AF é o engajamento que ele é capaz de gerar durante as aulas. Apesar de ser um material pensado para a exposição, ele oferece momentos para que a professora utilize perguntas de estilo quiz ou proponha pequenas ações aos estudantes a fim de dinamizar a apresentação. Essa dinamização, no entanto, não ocorre meramente para que a exposição evite ser qualificada como monótona. Ela faz parte da ideia defendida pelo QECR (2001) sobre a necessidade da implicação reflexiva dos estudantes na construção de seu conhecimento: ao tentar responder uma pergunta, o aprendiz se dispõe a buscar uma resposta, mesmo que não seja aquela considerada como correta em situações de certo ou errado. Para evitar o receio associado às respostas desse tipo, perguntas abertas sobre opiniões e experiências relacionadas ao conteúdo a ser introduzido podem ser uma solução viável.

Por outro lado, as perguntas do tipo quiz costumam gerar mais participação em turmas que tenham um espírito competitivo mais aguçado. Nesse contexto, a resposta correta não é o mais importante, mas sim a participação. Esse tipo de questionamento foi privilegiado para introduzir informações geográficas e arquitetônicas de alguns países francófonos: antes da apresentação da letra C (Figura 4), por exemplo, a pergunta feita a uma das turmas foi de verdadeiro ou falso para a existência de países falantes de francês na América do Sul. Para a outra turma, a letra P (Figura 5) foi precedida do questionamento sobre a existência de falsos cognatos entre o português e o francês.

Figura 4: Imagem representativa da letra C



Fonte: Material elaborado pela autora com base na imagem disponível em: <http://https://www.guyane-evasion.com/en/exploring-cayenne-a-guided-tour-of-the-city-by-taking-a-tourist-train/>.

No campo das pequenas ações, algumas letras permitem comparações breves, compartilhamento de experiências e exemplos. Em uma das turmas, por exemplo, a exposição sobre os griôs contou com o relato de uma doutora em literatura oral africana e sua presença no território brasileiro. Ela compartilhou um pouco da pesquisa feita e sugeriu fontes de estudo sobre a tradição oral na cidade de Salvador. Já em outra turma, a capa de um disco do cantor camaronês Jean Bikoko, conhecido também como *Aladin*, originou comentários sobre como a capa de um disco parecia ter um design semelhante ao das capas de discos brasileiros no século XX, muitos apreciados pelas avós de alguns estudantes que cresceram ouvindo essas coleções (Figura 1).

Essas trocas possuem um efeito positivo duplo para os estudantes. Ao mesmo tempo em que promovem a construção ativa de conexões entre aquilo que já é conhecido e o que se busca aprender, elas também permitem que os estudantes construam consciência das diferenças culturais que pontuam as produções e o trabalho dos artistas apresentados. Através especialmente das comparações se torna possível perceber visões de mundo distintas, mesmo que próximas em alguns aspectos. A imagem escolhida para a letra P ilustra essa situação: *pagode*, embora uma palavra também existente na língua portuguesa e de uso corrente na região nordeste e no estado da Bahia

por designar um gênero musical popular, no contexto francófono tem significados muito distintos: um vem da arquitetura e se refere aos templos religiosos do Extremo Oriente, enquanto outro pertence à moda e descreve um estilo de corte inspirado no design arquitetural.

Figura 5: Imagem representativa da letra P



Fonte: Material elaborado pela autora com base na imagem disponível em: <http://https://chinese-temple.com/blogs/chinese-temple-blogs/what-is-the-importance-of-the-pagoda-in-chinese-culture>.

Esse tipo de percepção é o primeiro passo para desenvolver consciência intercultural, mas antes de chegar até ela é necessário construir o conhecimento de mundo. Para tal, os materiais utilizados em sala de aula devem expandir os horizontes através da língua francesa e da descoberta da variedade de conteúdo que se pode acessar por meio dela. Dentre as competências gerais elencadas pelo QECR (2001), a conscientização cultural é uma das mais relevantes. De acordo com o documento, ela envolve o reconhecimento da diversidade regional e social entre a língua de origem e a língua de aprendizagem. Ademais, inclui a percepção de uma gama mais ampla de culturas, incentivando os aprendizes a valorizarem as particularidades culturais que vão além de suas experiências imediatas. Essa abordagem é fundamental para promover uma educação linguística mais rica e inclusiva, contribuindo para o desenvolvimento de uma verdadeira competência intercultural.

Uma etapa essencial no processo de formação para a autoria envolve a reflexão e a análise sobre os materiais produzidos. Essas ações só são possíveis após o uso com aprendizes reais, pois a recepção e os comentários deles podem guiar a professora aos possíveis caminhos para modificar

o material e atender às demandas. Nesse caso, os principais aspectos a serem levados em consideração dizem respeito à identidade dos produtores de conteúdo incluídos, aos suportes apresentados e aos modelos de interação com e a partir do material.

Uma debilidade na curadoria das sugestões que compõem o AF é a ausência quase completa de produções realizadas por mulheres, especialmente mulheres negras. Essa lacuna não reflete de maneira alguma a capacidade artística e criativa das mulheres francófonas; ela se deve à falta de criticidade na elaboração dos critérios de seleção que buscassem garantir uma exposição mais equilibrada em termos de gênero.

Destaca-se aqui que numerosas mulheres francófonas têm produções aclamadas em campos diversos, partindo do cultural ao artístico, passando pelo social e chegando ao político. Essas produções também carregam potencial para gerar interesse e conduzir à integração do idioma na rotina dos aprendizes: no campo da literatura, algumas das obras literárias mais conhecidas da autora guadalupense Maryse Condé foram traduzidas para o português brasileiro, assim como aquelas das autoras franco-iraniana Marjane Satrapi e da martinicana Françoise Ega, quem escreveu em correspondência a Carolina Maria de Jesus; no campo da música, cantoras como a brasileira Luciana Mello cantam versões de músicas francesas famosas, enquanto outras artistas lançam hits de sucesso mundial, como a franco-malinense Aya Nakamura e a belga Angèle; e no campo do cinema, atrizes e cineastas aclamadas se destacam em papéis que chegam às salas e às plataformas de *streaming* ao redor do globo e na realização de filmes que viajam em exibição pelo mundo, como são os casos das atrizes francesas Léa Seydoux e Marion Cotillard e da diretora franco-senegalesa Ramata-Toulaye Sy.

Ainda se tratando da curadoria, outro ponto a melhorar é a variedade de mídias. No processo de concepção do AF, a autora e professora em formação buscou incluir pelo menos quatro suportes que fossem de fácil acesso e que dessem aos aprendizes a possibilidade de escolher aquele com o qual tivessem mais afinidade, a saber: canção, livro, vídeo e imagem. Embora esses formatos já representem uma boa parte daqueles privilegiados pelos estudantes em seu dia a dia, há um leque de possibilidades oferecido pela internet e pelas mídias digitais atualmente a ser explorado de acordo com preferências pessoais.

Dessa maneira, sugestões mais específicas nas esferas midiática e artística podem representar ainda mais opções de contato e de interesse pela língua francesa: filmes e séries em plataformas de *streaming* populares e até gratuitas podem favorecer os cinéfilos; *podcasts* e rádio atendem ao público que prefere o formato auditivo sem necessariamente incorporar instrumentos musicais; sites de notícias e cultura geral servem como janelas para atualidades em países do mundo inteiro e como portas de acesso ao imaginário cultural e social de vários países; *blogs* e redes sociais mostram experiências de pessoas que vivem o cotidiano em língua francesa; ou ainda aplicativos e jogos transformam momentos de lazer e descanso em momentos de contato com o idioma alvo. Apesar da variedade oferecida pelo universo digital, certamente existem produções que acontecem fora da tela dos dispositivos móveis que podem evocar o interesse de alguns, como mostras de cinema em institutos culturais e universidades, exposições fotográficas e performances teatrais como exemplos locais recorrentes.

Outro ponto a ser reconsiderado é o formato escolhido para a apresentação do AF e o tipo de interação que ele propicia, primeiro entre a professora e os estudantes, depois entre os estudantes e a apostila. De acordo com Cuq e Gruca (2017), existem vários modelos de interação que podem ser adotados na sala de aula de ensino de francês de acordo com os objetivos a serem atingidos. Um deles, o mais tradicional, se baseia na figura docente como única interlocutora enquanto os discentes fazem intervenções esporádicas.

Embora atualmente se reconheçam as limitações desse modelo, ele ainda tem sua importância, especialmente nas salas de aula de nível iniciante em que se parte do princípio de que aqueles são os primeiros contatos estruturados com o idioma. Dessa forma, a exposição dialogada foi o modelo escolhido para esse material.

Contudo, o ideal é que os estudantes não se limitem à intervenção durante o momento de exposição. Para que eles tenham a oportunidade de explorar os conteúdos apresentados e de se apropriar dele, cabe à professora responsável elaborar caminhos para que isso aconteça. Aqui serão apresentadas três sugestões.

A primeira foi executada dentro do modelo já mencionado. À medida em que as letras eram apresentadas, perguntas eram feitas pela professora e observações sobre diferenças e semelhanças

culturais foram feitas pelos estudantes através de comparações, da evocação de memórias e do compartilhamento de outras informações ligadas àquelas apresentadas no AF.

A segunda inclui a emissão de pequenos comandos que mobilizem a atenção e a classificação. Pedidos como, por exemplo, a criação de um ranking baseado em critérios que os próprios estudantes podem definir em discussão prévia ou que sejam sugeridos pela professora fazem esse papel. Sugestões como *cinco produções mais interessantes para você*, *cinco artistas que você quer ouvir/assistir* e *três lugares que você quer visitar* podem ser efetivas. Esse tipo de atividade potencializa o engajamento dos estudantes com o conteúdo ao qual estão sendo apresentados. Ainda, esse ranking pode ser compartilhado ao final da exposição da apostila adotando outros formatos de interação, como o de trabalho em subgrupos ou o de circulação da palavra (Cuq e Gruca, 2017), e os aprendizes podem justificar suas escolhas, compartilhar suas impressões e curiosidades e dialogar sobre aspectos mencionados por outros colegas que não tinham percebido antes.

Por fim, os aprendizes podem criar o próprio alfabeto francófono, o que pode se tornar um projeto pedagógico em pequenos grupos ao longo de uma unidade ou individual como forma de incentivar a criação de um espaço francófono na rotina pessoal de cada um. Nas duas possibilidades indicadas, os aprendizes assumem o papel de atores e criadores responsáveis pela pesquisa, curadoria e inclusão de referências francófonas em um produto final elaborado por eles, além de se entenderem como membros de uma comunidade baseada na ajuda mútua e no compartilhamento, ações entendidas como pilares para fortalecer os laços entre eles e possibilitar a união pelo aprendizado mesmo fora da sala de aula.

Considerações finais

Neste artigo, buscou-se relatar a experiência de uma professora em formação com a produção de materiais didáticos para fins específicos no ensino de língua francesa com duas turmas do programa IsF. Para tal, o contexto de concepção, desenvolvimento e uso do abecedário da Francofonia foi estabelecido, a fim de apontar a necessidade de tal iniciativa e apresentar possibilidades para que os estudantes descubram o mundo francófono para além da Europa.

A partir deste trabalho, foi possível destacar a importância de incluir as variedades da língua francesa nos materiais utilizados em sala de aula, especialmente naqueles desenvolvidos para responder às demandas e especificidades do contexto dos estudantes, de modo a fomentar a competência intercultural no aprendizado do idioma. Esse tipo de resposta adaptada pode levar ao maior engajamento da turma e a uma participação mais ativa na construção de conhecimento na língua estrangeira, em particular fora da sala de aula, onde é fundamental que esses estudantes incluam o idioma em suas rotinas de maneira regular.

As reflexões apresentadas através da análise da concepção e do uso do abecedário podem servir como incentivo à adoção da autoria de professores IsF como um caminho para abordar as variedades do francês em sala de aula. Esse é o primeiro passo a ser dado em busca da promoção de práticas que reconheçam a diversidade da língua francesa e de seus falantes.

Contudo, alguns pontos ainda precisam de mais atenção a fim de gerar modificações que sejam mais inclusivas no que se trata da representação de gênero na autoria das produções escolhidas e dos formatos de mídia apresentados. Outros aspectos abordados ainda podem ser estudados e aprofundados considerando a relação entre identidade e linguagem, como a autoria durante a formação para o ensino de francês com objetivos específicos e o ensino de variedades específicas da língua francesa em sala de aula.

No contexto atual, deixar as variedades do francês fora da sala de aula é limitante, sobretudo quando se pensa em aprendizado do idioma para fins específicos, como a internacionalização. Cabe aos professores atuantes e aqueles que estão em formação pesquisar e entender as demandas e as possibilidades que os aprendizes trazem consigo, de forma a conseguir criar e adaptar materiais que contemplem a diversidade do mundo francófono e que, ao mesmo tempo, permita a expansão dos horizontes culturais e sociais dos estudantes.

CrediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: AMORIM, Alice Áurea de O. Conceitualização, Investigação, Metodologia, Validação, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. KASPARY, Cíntia V. Conceitualização, Análise formal, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - revisão e edição.

Referências

ABREU-E-LIMA, D. M. et al. (Orgs). *Idiomas sem Fronteiras: Internacionalização da educação superior e formação de professores de língua estrangeira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021;

BONILLA, M. H. S. SOUZA. Projeto UCA: dimensão social das práticas. In: QUARTIERO, E. M. BONILLA, M. H. S. FANTIN, M. (Orgs). *Projeto UCA: entusiasmos e desencantos de uma política pública*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 147-185. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20829>. Acesso em: 29 ago 2024;

BRASIL. Governo Federal. *Ciências sem Fronteiras*. Disponível em: Ciência Sem Fronteiras — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (www.gov.br). Acesso em 10 set. 2024;

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum: versão final*. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, 2017. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf](http://www.gov.br) (www.gov.br). Acesso em: 17 set. 2024;

CONSEIL DE L'EUROPE. *Cadre européen commun de référence pour les langues : Apprendre, Enseigner, Évaluer*. Paris : Didier, 2001;

CUQ, J.; GRUCA, I. *Cours de didactique du français langue étrangère et seconde*. Grenoble : PUG, 2017;

DESJARDINS, N. *Par ici – Méthode de Français - Niveau A1 / 1-2*. Québec: Les Éditions MD, 2017;

LEFFA, V. J. (org). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2008. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Professor_de_linguas_2ed.pdf. Acesso em: 29 ago 2024;

OLIVEIRA E PAIVA, V. L. M. Os desafios na produção de materiais didáticos para o ensino de línguas no ensino básico. *Revista (Con)Textos Linguísticos* (Vitória), v. 8, n. 10.1, p. 344-357. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/8367/5940>>. Acesso em: 29 ago 2024;

OREFICE JUNIOR, A. O ensino do FOS no curso de Relações Internacionais na USP: um olhar para as ações de ensino e de autoria do professor de francês. In: Org. ALBUQUERQUE-COSTA, H. *FOS e FOU na Universidade de São Paulo*. Articulação entre Formação, Ensino e Pesquisa. São Paulo: Editora Pontes, 2022, p. 37-63;

ORGANISATION INTERNATIONALE DE LA FRANCOPHONIE. *La langue française dans le monde*. Paris: Éditions Gallimard, 2022. Disponível em : [Rapport-La-langue-francaise-dans-le-monde_VF-2022.pdf](https://www.francophonie.org/rapport-la-langue-francaise-dans-le-monde_VF-2022.pdf) (francophonie.org) . Acesso em 12 set. 2024;

PAIVA, V.L.M.O. A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p.53- 84;

SANTOS, E.M.O. *Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. 2004. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada de Estudos de Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004;

VOLPI, M. T. A formação de professores de língua estrangeira frente aos novos enfoques de sua função docente. In: LEFFA, Vilson J. (org). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2008. p. 133-141. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Professor_de_linguas_2ed.pdf>. Acesso em: 29 ago 2024.